

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

« O Programa, a orientação, a actividade do PCP tornaram-no a grande força revolucionária do Portugal de hoje. Nenhuma transformação democrática profunda da sociedade portuguesa são possíveis sem o PCP e muito menos contra o PCP. O PCP tem um passado de luta, sem paralelo no quadro nacional. É no presente o único partido revolucionário e a mais forte formação política da Oposição antifascista. É aquele ao qual o futuro pertence ».

(Da Resolução do CC do PCP sobre o 5º Aniversário)



50º ANIVERSÁRIO do Partido Comunista Português

No dia 6 de Março de 1971, completam-se 50 anos de existência e actividade do Partido Comunista Português, dos quais 45 na mais severa clandestinidade.

Ao fazer-se um balanço de 50 anos de luta, não pode deixar de considerar-se como foi possível que, nas condições da ditadura fascista, sofrendo as maiores perseguições, sendo o alvo principal da repressão, o PCP se tenha tornado um influente partido nacional, a grande força política da Oposição.

Isso foi possível, antes de mais, porque **o PCP é o partido da « única classe verdadeiramente revolucionária », o proletariado**, do qual recebe o espírito de organização, de disciplina e de abnegação.

Foi possível, porque **o PCP se guiou pela teoria científica do proletariado, o marxismo-leninismo**, na base da qual definiu a sua orientação política e uma táctica e métodos de organização e acção adaptados às condições existentes, e forjou, segundo os princípios do centralismo democrático, uma sólida unidade e uma forte disciplina, sem as quais teria sido destruído pelas sucessivas vagas do terror fascista.

Foi possível, porque, em 50 anos de luta, **o PCP revelou-se como a única força política capaz de encarnar e defender, nas mais difíceis condições e ao preço dos maiores sacrifícios, os interesses vitais dos trabalhadores, do povo e da nação portuguesa**, de encabeçar a luta pela liberdade, a independência nacional, a democracia e o socialismo; a única força que, ao longo de quase meio século de negra repressão, empunhou sempre o facho da esperança e da confiança na vitória.

Foi possível, porque **o PCP considera que a sua acção como vanguarda é inseparável da acção da classe e das massas**, e se lhe colocar-se à frente das massas e ligar-se a ela na sua actividade diária.

Foi possível, porque, ao longo de 50 anos, **o PCP forjou sucessivas gerações de militantes revolucionários** inteiramente dedicados à causa dos trabalhadores, suportando com coragem e heroísmo as mais duras provas e dando, em numerosos casos, as suas vidas.

Foi possível, ainda, porque **o PCP é em Portugal o porta-estandarte da causa internacional do comunismo** e beneficia assim dos êxitos, das vitórias, da solidariedade, da URSS e do campo socialista, da classe operária de todos os países, do movimento comunista internacional.

Tais as razões fundamentais dos êxitos e vitórias do PCP: da sua continuidade e progressos nas condições de clandestinidade; da criação das suas indestrutíveis raízes nas fábricas, nos campos, nas escolas, nos meios intelectuais; da criação e publicação regular do órgão central e outra imprensa clandestina, sem interrupção nos últimos 30 anos; do sucesso de milhares de lutas de massas e acções políticas que dirigiu; da confiança e do amplo apoio das classes trabalhadoras, de intelectuais, da juventude; da conquista de largos sectores da população para as ideias do socialismo, para o marxismo-leninismo. Tais as razões por que o PCP se desenvolveu sob a ditadura fascista, enquanto todas as outras organizações operárias e democráticas existentes em 1926 e a quase totalidade das que se formaram ulteriormente não resistiram à repressão e desapareceram da cena política.

Nem tudo porém são sucessos na história do PCP. A edificação e a actividade de um partido revolucionário nas condições do fascismo constituem uma complexa tarefa. O desenvolvimento do partido verificou-se num processo acidentado e irregular em que, pela acção do inimigo e por erros próprios, se registaram insucessos e derrotas. Ao longo de 30 anos de luta, o PCP tem sabido porém usar a crítica e a autocritica, tirando as lições dos insucessos e dos erros. Essa também uma das razões dos seus progressos e da sua autoridade.

A longa experiência do PCP atesta a importância capital de **alguns ensinamentos**: velar sempre atentamente pela defesa do Partido, não subestimando nem sobrestimando as possibilidades do fascismo; conduzir as massas à luta, não lançando ao ataque a van-

guarda separada das massas; aproveitar todas as formas de organização e de acção legais e semi-legais, mesmo que muito limitadas e contingentes, não se fechando na concha do aparelho clandestino; considerar a organização como instrumento fundamental da acção, nunca confiando nem repousando na espontaneidade; lançar palavras de ordem não elaboradas em abstrato, mas sim que tenham em conta as condições concretas existentes e as suas modificações. Sempre que o PCP não teve em conta estes ensinamentos, sofreu, a curto ou médio prazo, sérios desaires. Orientando-se por eles, alcançou importantes êxitos.

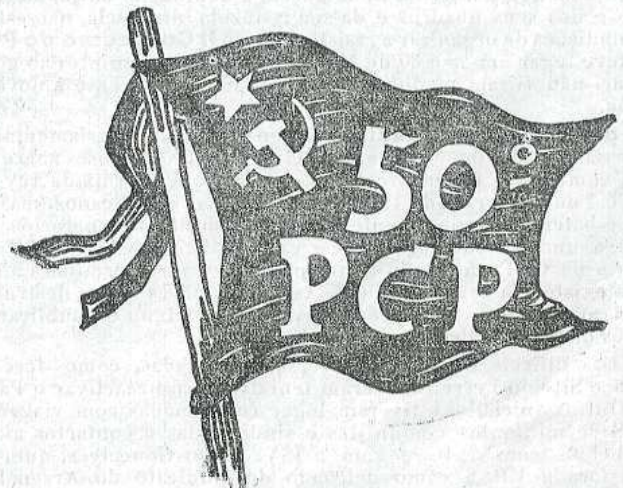
50 anos de luta do PCP não são apenas motivo de orgulho para os comunistas. São no também para todos os trabalhadores. **A fundação, a continuidade, o desenvolvimento e a luta do PCP constituem, até hoje, a maior realização revolucionária da classe operária de Portugal.**

O PCP é a mais antiga das formações políticas existentes. É ao mesmo tempo a mais jovem, pelos seus ideais, pelo seu programa, pelo seu dinamismo, a sua energia, a confiança dos seus militantes, a adesão da juventude às suas fileiras. Nenhuma outra força política portuguesa tem um passado de luta que se lhe possa, mesmo de longe, comparar. Nenhuma outra, no presente, se lhe pode comparar em organização e em influência. Nenhuma outra tem diante de si mais amplas perspectivas. **Comemorando um passado de 50 anos, o PCP está plenamente confiante em que o futuro lhe pertence, em que realizará as tarefas a que se propõe.**

Ao completar 50 anos de luta, **o PCP reafirma o seu objectivo supremo**, que é a razão de ser da sua existência e a sua tarefa histórica: a vitória da revolução proletária, a construção do socialismo e do comunismo em Portugal.

O PCP reafirma que, na etapa actual da revolução, os objectivos fundamentais são destruir o Estado fascista, instaurar um regime democrático, liquidar o poder dos monopólios, realizar a Reforma Agrária, elevar o nível de vida das classes trabalhadoras, democratizar a instrução e a cultura, libertar Portugal do imperialismo, reconhecer e assegurar aos povos das colónias portuguesas o direito à imediata independência, seguir uma política de paz e amizade com todos os povos.

O PCP reafirma que, desses objectivos, o primeiro, na situação política actual, é o derrubamento da ditadura fascista, a destruição do Estado fascista, a conquista da liberdade política e que, para alcançar esse objectivo, os comunistas continuarão trabalhando para a unidade de todos os democratas.





50 ANOS de luta

Na altura da primeira guerra mundial (1914-18) os anarquistas tinham influência predominante no movimento operário português. A influência do Partido Socialista era muito limitada. A criação de um partido independente do proletariado, na sua vanguarda revolucionária, tornou-se uma necessidade objectiva determinada pelo desenvolvimento do movimento operário, pela atitude chauvinista da generalidade dos seus dirigentes durante a guerra, pela submissão dos socialistas à burguesia e pela ineficácia dos métodos de luta das organizações anarquistas.

Na tomada de consciência dessa necessidade teve influência determinante a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, que, apesar da campanha anti-soviética da imprensa, suscitou desde logo o entusiasmo dos trabalhadores portugueses. Desenvolveu-se um amplo movimento de apoio à revolução russa. Formaram-se círculos diversos para popularizar as suas experiências. Fundou-se com esse fim em 1919 a Federação Maximalista Portuguesa e publicou-se o semanário «Bandeira Vermelha». E destes círculos e de militantes mais esclarecidos do movimento anarquista que parte a ideia e a iniciativa da formação dum partido revolucionário da classe operária, inspirando-se no exemplo dos bolcheviques russos.

A FORMAÇÃO DO PARTIDO (1921-1929)

Em fins de 1920, numa série de assembleias realizadas na Associação dos Caixeiros de Lisboa, é finalmente resolvida a criação do novo partido. No dia 28 de Dezembro, uma comissão organizadora, de que fazia parte Nascimento da Cunha, escolheu a denominação «Partido Comunista Português» para o novo agrupamento e discutiu e aprovou um programa político. Criam-se «Centros Comunistas» em várias localidades. As bases orgânicas do Partido começam a ser discutidas em 24 de Janeiro de 1921 e são aprovadas em 1 de Março depois de uma série de reuniões. Em 6 de Março de 1921, na Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, na rua da Madalena, 225. 1º, realiza-se uma assembleia, à qual a comissão organizadora dá conta dos seus trabalhos e que elege os primeiros organismos de direcção do Partido Comunista Português.

A primeira sede (provisória) do Partido foi na rua do Arco do Marquês do Alegrete, 30, 2º, direito, em Lisboa. Na reunião aí efectuada em 6 de Abril de 1921, a Junta Nacional do PCP analisou a situação na Ilha de S. Tomé e levantou «um veemente protesto contra a repressão de que estavam a ser vítimas os trabalhadores». Ainda em 1921, foi fundado «O Comunista», primeiro órgão do Partido. Em 1922, o PCP adere à Internacional Comunista, de que fará parte até à dissolução desta em 1943.

Em 10/12 de Novembro de 1923, realizou-se o I Congresso do PCP, com a participação de 118 delegados, ou seja, cerca de um quarto dos membros do Partido. José Carlos Rates, secretário geral, apresentou o relatório do Comité Executivo. Foram aprovados os princípios orgânicos, um «Programa de acção» e resoluções sobre «O governo dos operários e camponeses» e sobre «A questão agrária».

Ao mesmo tempo que os sindicatos da CGT (dirigida pelos anarquistas) passam dos 120.000 sócios, que tinham no I Congresso da CGT em 1919, para 50.000 em 1924, os comunistas ganham posições nos sindicatos da metalurgia, construção civil, arsenais, pessoal do mar. Formam-se organizações partidárias no Alentejo.

Nesses anos, as forças reacionárias conspiram para liquidar a República e, em 1925 e princípios de 1926, o PCP adverte contra o perigo dum golpe fascista. Dada porém a debilidade da sua organização e dos seus quadros e da sua reduzida influência, não esteve em condições de organizar a resistência. Do II Congresso do PCP, que teve lugar em 29 e 30 de Maio de 1926, dias seguintes ao golpe militar, não saíram medidas efectivas para fazer frente à nova situação.

O golpe de 28 de Maio liquidou a república parlamentar. A repressão do movimento operário agravou-se. Numerosos anarquistas e comunistas foram presos e deportados. A derrota da revolução de 7 de Fevereiro de 1927, dirigida pelos republicanos, mas em que se bateram corajosamente numerosos militantes operários, deu lugar a uma grande vaga repressiva. Em 1927, a sede do PCP (tal como a da CGT) foi definitivamente encerrada. Terminara a efémera existência legal do PCP. As organizações foram destruídas ou dissolveram-se. A imprensa partidária deixou de publicar-se. Muitos dirigentes abandonaram a luta.

Nessas difíceis condições, diversos camaradas, como José de Sousa e Silvino Ferreira, fizeram tentativas para reactivar o Partido. Outras iniciativas tiveram lugar relacionadas com viagens à URSS de militantes comunistas e sindicalistas e contactos aí estabelecidos com a IC e com a ISV. Bento Gonçalves, que, em 1927, fora à URSS como delegado do sindicato do Arsenal da Marinha, entra no Partido em 20 de Setembro de 1928 e começa

a luta pela constituição dum partido revolucionário. Manuel Pilar, um dos três membros do Comité Central então existente, teve também um importante papel para a reorganização e a continuidade da actividade do PCP.

O PARTIDO ORGANIZA-SE NA CLANDESTINIDADE (1929-1941)

A CONFERÊNCIA DE 21 DE ABRIL DE 1929 foi aberta com uma intervenção de Bento Gonçalves, secretário da célula do Arsenal. Participaram 14 membros do Partido, do total de 29 então recensados. B. Gonçalves foi posteriormente escolhido para secretário geral do Partido. Com esta Conferência, inicia-se verdadeiramente a actividade clandestina do PCP nas condições da ditadura.

Cria-se um círculo leninista para a educação teórica dos militantes. Alarga-se a organização. Em 15 DE FEVEREIRO DE 1931, sai o primeiro número do «AVANTE!» e em 1933 «O MILITANTE». Os comunistas ganham a direcção de alguns sindicatos. Em Setembro de 1931, é criada a COMISSÃO INTER-SINDICAL (CIS). Nos anos seguintes, o número de sócios dos sindicatos nela filiados ultrapassa o dos sócios dos sindicatos da CGT dirigidos pelos anarquistas. A Organização Revolucionária na Armada (ORA), em cuja direcção se destacaram entre outros Manuel Guedes e Oliver Bartolo, Fernando Vicente, conhece um rápido desenvolvimento e o seu órgão clandestino, «O MARINHEIRO VERMELHO», tem grande expansão. Cria-se também a Organização Revolucionária do Exército (ORE). A FEDERAÇÃO DAS JUVENTUDES COMUNISTAS, de que Alvaro Cunha foi secretário geral a partir de 1934, publica um órgão clandestino, «O Joem», e cria uma activa organização da juventude operária em Lisboa e Margem Sul. Outras organizações clandestinas (Socorro Vermelho Internacional, Liga Contra a Guerra e contra o Fascismo, dirigida por Bento Caração, Grupos de Defesa Académica, Liga dos Amigos da URSS) tomam a cabo apreciável actividade.

Reforçado organicamente, com fortes posições em sindicatos, o Partido conduz importantes lutas dos trabalhadores. Na sequência de lutas reivindicativas dirigidas pelos sindicatos, têm lugar, em 1931-32, GREVES nas construções navais, dos trabalhadores do porto de Lisboa, dos marítimos de Setúbal, dos vidreiros da Marinha Grande. No 1º de Maio de 1931 tem lugar uma manifestação no Rossio de Lisboa. Em Fevereiro de 1931 e 1932, têm lugar jornadas de luta contra o desemprego. O movimento estudantil conhece uma rápida expansão nas Universidades e escolas técnicas, sendo eleitos comunistas para a direcção das associações académicas. Quando, em 1933, o governo decretou a fascização dos sindicatos, os operários da Marinha Grande, tendo à sua frente homens como José Gregório, Manuel Esteves de Carvalho, António Guerra, levantaram-se de armas na mão no dia 18 DE JANEIRO DE 1934, dominaram o posto da GNR e tomaram conta da vila. A palavra de greve geral revolucionária, dada à escala nacional pelo Partido acusou e certo falta de experiência, uma errada estimação da situação política e da correlação de forças, as influências anarquistas nas próprias fileiras do Partido. Mas o 18 de Janeiro mostrou também que os comunistas se tinham colocado definitivamente à frente do movimento operário e antifascista português.

O governo fascista que, ante a actividade do Partido, tinha empreendido, a partir de 1931, novas medidas repressivas, fazendo prender, torturar e deportar para as Ilhas, para África e para Timor numerosos militantes, aproveitou o 18 de Janeiro para tentar aniquilar as organizações operárias. As anarquistas foram de facto praticamente liquidadas para sempre, vindo apenas a conhecer uma breve reanimação em 1936/38 no tempo da guerra de Espanha. O Partido sofreu também numerosas baixas. A PIDE assassinou M. Vieira Tomé, dirigente do sindicato dos ferroviários, os dirigentes JC Ferreira de Abreu e Américo Gomes, o operário Augusto Martins e outros. Em Novembro de 1935, ao regressar da URSS, onde fora participar no VII Congresso da Internacional Comunista, B. Gonçalves é preso, juntamente com os outros membros do Secretariado José de Sousa e J. Fogaca. Este duro golpe, tanto mais grave quando então não existia CC do Partido, estando toda a direcção centralizada no Secretariado, afectou profundamente a actividade nos anos seguintes.



JOSÉ MOREIRA

responsável do aparelho
de imprensa do PCP
operário vidreiro
assassinado com torturas
pela PIDE
em 23-1-1950



Entretanto, o Partido forjara já um núcleo de quadros devotados que assegurariam o seu futuro. EM ABRIL 1936, uma reunião de quadros constituiu um CC, ao qual ficam pertencendo, entre outros, Alberto Araújo e M. Rodrigues da Silva (eleitos para o Secretariado), A. Cunhal e Pires Jorge. Em princípios de 1937, vindo da URSS, F. Paula de Oliveira entrou para o Secretariado, onde teve papel de relevo até à sua prisão no ano seguinte. Destacam-se na actividade nesses anos Francisco Miguel, José Gregório, Valdez, C. Matoso, Lúdgero P. Basto, Sacavem e outros.

Nas difíceis condições criadas pela guerra de Espanha e o ascenso do fascismo na Europa, a luta continuou. Milhares de portugueses combateram nas fileiras do exército republicano. Muitos membros do PCP e da FJCP, como A. Vicente, Augusto D. Reis, Armindo Peró, Cabrita, morreram combatendo em Espanha. Em SETEMBRO DE 1936, a ORA dirige a REVOLTA DOS MARINHEIROS, que tomam conta do «Afonso de Albuquerque» e do «Dão». Em 1937-38, o «Avante» publica-se semanalmente. Embora esse esforço, demasiado para a fraca organização, tenha facilitado os golpes do inimigo, foi um êxito importante da agitação partidária.

Com a fascistização do Estado, as incidências da guerra de Espanha e o início da 2ª Guerra Mundial agrava-se ainda mais a repressão. Em 1936 é criado o CAMPO DO TARRÁFAL, onde viriam a morrer dezenas de militantes do Partido, entre os quais B. Gonçalves (em 1942), A. Caldeira, A. Guerra, F. N. Esteves, A. J. Branco, assim como o dirigente anarquista Mário Castelhanó. De 1936 a 1939 são presos praticamente todos os camaradas que se suadem nos órgãos de direcção. Em 1939, a polícia consegue meter dois agentes provocadores no Partido, um no CR de Lisboa, outro na tipografia do «Avante», que entregou vilmente. A publicação do órgão central do PCP interrompeu-se durante quase dois anos.

Essa grave crise foi vencida com a chamada reorganização de 1940-41.

O PCP TORNA-SE UM GRANDE PARTIDO NACIONAL (1941-1949)

A reorganização de 1940-41 propôs-se, como tarefas fundamentais, a luta contra a provocação, a depuração de elementos vacilantes, o reaparecimento do «Avante», a reconstituição da organização. Essas tarefas foram cumpridas. O «Avante» reapareceu em Agosto de 1941 e nunca mais, até hoje, 30 anos passados, o fascismo conseguiu silenciá-lo. Militantes como J. Gregório, D. Lourenço, Joaquim Rafael, Maria Machado, José Moreira, Manuel da Silva, Guy Lourenço, M. Rodrigues, Ursula Machado e muitos outros, cujos nomes se tornarão um dia conhecidos, asseguraram ao longo dos anos a impressão e distribuição do «Avante» e outra imprensa clandestina.

Os êxitos iniciais da reorganização foram entretanto comprometidos pela insistência nos mesmos métodos de trabalho conspirativo, o que permitiu à PIDE, no outono de 1942, assentar um novo e sério golpe na direcção do Partido, prendendo Militão, P. Jorge, Pedro Soares, Fogaça e outros militantes responsáveis. Na mesma época assassinou a tiro o médico comunista A. Ferreira Soares. Impunha-se a adopção de novos processos de defesa, ligando esta ao desenvolvimento do trabalho de massas e à constituição duma forte organização. Essa viragem foi levada a cabo por iniciativa e sob a direcção do Secretariado constituído por A. Cunhal, J. Gregório e M. Guedes.

A ligação estreita do trabalho de organização e das lutas de massas permitiu um rápido desenvolvimento da organização, que se estendeu aos pontos fundamentais do país, o recrutamento de quadros operários, a constituição, pela primeira vez, de um numeroso e sólido núcleo de revolucionários profissionais.

As grandes greves de Outubro-Novembro de 1942, de Julho-Agosto de 1943, de 8 e 9 de Maio de 1944, além de muitas outras dos assalariados rurais do Alentejo e Ribatejo e de centros operários, como a Covilhã, foram ao mesmo tempo um sintoma e um factor do reforço orgânico do Partido. Para assegurar a direcção de algumas delas, em que participaram dezenas de milhar de trabalhadores, o Partido concentrou o grosso dos seus quadros e de recursos técnicos e financeiros. No trabalho de organização e de massas desta época destacaram-se, entre outros, Alfredo Dinis, Soeiro Pereira Gomes, J. Campino.



J. DIAS COELHO
funcionário do PCP
escultor
assassinado a tiro
pela PIDE
em 19-XII-1961

ALFREDO DINIS

membro do CC do PCP
operário das construções
navais assassinado a tiro
pela PIDE
em 4-VII-1945



Em Novembro de 1943, realiza-se o III Congresso do PCP (1º ilegal). O relatório político foi apresentado por A. Cunhal. Para o CC foram eleitos, entre outros, J. Gregório, M. Guedes, S. Vilarigues, A. Dinis, D. Lourenço, J. P. Jorge. O Congresso tirou as lições das greves de 1942 e 1943 e definiu a orientação para um rápido engrandecimento do Partido.

O Partido toma a iniciativa da criação do MUNAF, que, de 1943 a 1949, veio a abarcar praticamente todos os sectores antifascistas. Quando da vitória sobre a Alemanha hitleriana, têm lugar grandes manifestações de rua, em que participam centenas de milhar de pessoas. Em 1945, cria-se o MUD, ampla organização unitária semi-legal. Pela primeira vez sob a ditadura, aproveitam-se as possibilidades legais abertas pelas «eleições» fascistas, para desenvolver uma intensa campanha política.

A acção nos Sindicatos Nacionais, que se vinha desenvolvendo nos últimos anos, regista em 1945 uma grande vitória com a eleição de listas da confiança dos trabalhadores em cerca de 50 sindicatos. Jasé Vitoriano, presidente do SN dos Corticeiros, é também dirigente do Comité Provincial e membro da Comissão Sindical Nacional do PCP.

Como sempre, o governo procura suster com a repressão os sucessos do Partido. Numerosos funcionários e quadros regionais são presos. A. Dinis é assassinado a tiro pela PIDE em Julho 1945. Germano Vidigal, Ferreira Marquês, A. Almeida são assassinados com torturas. A tipografia do «Avante» é assaltada. O Partido é porém já então bastante forte para evitar que estes golpes interrompam o seu progresso.

No verão de 1946 realiza-se o IV Congresso do PCP. A. Cunhal apresenta o relatório político. O PCP regista na altura do Congresso o mais elevado número de membros que jamais alcançara. O Congresso tomou importantes decisões. O Partido criara nesses anos fortes organizações de assalariados rurais e dirigira as suas numerosas lutas. O jornal «O Camponês», cuja criação foi decidida pelo Congresso, tornou-se, durante muitos anos, um importante instrumento de propaganda e de orientação. Também por decisões do Congresso, os jovens comunistas empreendem a tarefa de fazer do MUD Juvenil uma grande organização, o que conseguem, chegando os seus efectivos a atingir 20.000 jovens. O MUDJ, teve importante papel na formação de quadros (C. Costa, C. Brito, A. Veloso, C. Aboim Inglês, Dinis Miranda, Ilídio Esteves, P. R. de Almeida, D. Abrantes, Carlos Pinhão, Canais Rocha, Augusto Lindolfo e outros).

Nos anos seguintes, desenvolve-se a luta reivindicativa dos trabalhadores, com particular relevo para a greve de Abril de 1947 em Lisboa. A acção política culmina em 1949 na ampla campanha em torno da candidatura de Norton de Matos para a presidência da República. Na assembleia eleitoral no Porto (Campo Hípico) participaram cerca 100.000 pessoas.

O PCP tornou-se nesta época a indiscutível vanguarda da classe operária e de todo o movimento popular, um grande partido nacional, a principal força da Oposição antifascista. Os duros golpes sofridos desde então não mais conseguiram cortar o passo à actividade do PCP.

NOVAS LUTAS, NOVAS EXPERIÊNCIAS (1949-1960)

Nos anos de 1949 a 1952, o Partido sofreu uma das maiores ofensivas da repressão fascista. Em Março de 1949, são presos A. Cunhal e Militão, membros do Secretariado, vindo o último a falecer meses depois em resultado da greve da fome que fez. Foi assaltada uma tipografia clandestina. Em Janeiro de 1950, a PIDE assassina com torturas José Moreira, responsável do aparelho de imprensa, por se recusar a dizer onde se encontrava a nova tipografia do «Avante». M. R. da Silva, D. Lourenço, M. Guedes, J. Serra, Georgette Ferreira, G. C. Carvalho, J. Vitoriano, e muitos outros destacados militantes

(cont. na pág. 6)

HONRA ETERNA aos que caíram na luta



JOSÉ GREGÓRIO

*membro do Secretariado
do CC do PCP
operário vidreiro.
20 anos de vida clandestina
falecido em Maio de 1961*

50º ANIVERSÁRIO

(cont. da pág. 1)

O PCP reafirma que continuará incansavelmente a luta diária em defesa dos interesses dos trabalhadores e das massas populares contra a exploração dos monopólios e agrários; a luta pelas liberdades contra a repressão fascista e a demagogia «liberalizante»; a luta em defesa dos interesses nacionais contra a submissão ao imperialismo estrangeiro; a luta em defesa da cultura contra o obscurantismo fascista.

O PCP reafirma a sua amizade e solidariedade aos povos de Angola, Guiné e Moçambique e a todos os outros povos submetidos ao colonialismo português, a sua determinação de continuar e intensificar a luta pelo fim imediato da guerra colonial e pelo reconhecimento do direito desses povos à imediata independência, o que considera, não apenas o cumprimento dos seus deveres internacionalistas, como o cumprimento dum tarefa nacional e patriótica, pois Portugal não poderá ser livre e verdadeiramente independente, se os povos das colónias portuguesas o não forem também.

O PCP reafirma a sua amizade e solidariedade aos países socialistas, ao Partido Comunista da União Soviética e a todos os partidos comunistas irmãos, ao povo vietnamita, a todos os povos vítimas da agressão imperialista, a todos que lutam pela liberdade e a independência.

Fortalecidos e inspirados por 50 anos de luta do seu Partido, **os comunistas portugueses não pouparão esforços nem sacrifícios para levarem a bom termo as suas tarefas, para cumprirem com honra os seus deveres nacionais e internacionais, que consideram inseparáveis.**

Como sublinhou o Comité Central: «**Tirando as experiências e os ensinamentos de 50 anos de actividade, encontrando na história do Partido motivos exaltantes de coragem e confiança, os comunistas têm os olhos voltados para o futuro: para a criação dum movimento revolucionário de massas, para a insurreição popular, para o derrubamento do fascismo, para a conquista da liberdade e, mais além, para o futuro Portugal socialista e comunista.**».

Em 50 anos de luta, milhares de membros do Partido foram presos e torturados e passaram longos anos nas prisões fascistas. Só os actuais membros do CC passaram, no conjunto, cerca 250 anos nas prisões. Dezenas de militantes morreram nos cárceres ou por doenças contraídas nestes. Muitos outros foram assassinados com torturas, ou abatidos a tiro pela PIDE e outras forças repressivas.

Não é possível citar os nomes de todos aqueles que tombaram na luta. Noutros artigos deste número do «Avante» citam-se Adângio, A. Caldeira, A. Dinis, A. Lima, A. E. Soares, A. Guerra, A. Martins, B. Gonçalves, C. Eufémia, C. Martins, E. Giro, F. Abreu, F. Marquez, F. N. Esteves, G. Vidigal, J. D. Coelho, J. Moreira, Militão, M. Y. Tomé. Mas a estes há que acrescentar, entre outros, os nomes de Agostinho Fineza, Alfredo Ruas, António L. Almeida, António M. Fernandes, Armando Ramos, Augusto Costa, Aurélio Dias, Ernesto Ribeiro, Fernando Aleobia, Francisco da Cruz, Gervásio Costa, João L. Dinis, Joaquim Correia, Joaquim L. Oliveira, Joaquim Martins, Joaquim Marreiros, José A. dos Santos, José Patuleia, J. Pereira, Manuel Carvalho, Manuel da Silva Jr., Manuel Simões Jr., Raul Alves, Rui R. da Silva, Venceslau Ferreira, todos comunistas assassinados pelo fascismo. Vitimados por doenças e pelas duras condições de luta, numerosos camaradas têm morrido na clandestinidade. Entre outros, Soeiro Pereira Gomes, Hermenegildo Correia, Maria Helena Magro, Rosa Teixeira, Maria Albertina, Joaquina G. Alves. Numerosos são também aqueles que vieram a morrer em consequência de doenças adquiridas nas prisões, como Alberto Araújo, Albina Fernandes, António Tavares, Gomes Pereira, Luiza C. Paula, M. R. da Silva, Manuel dos Santos.

Eram comunistas a grande maioria dos assassinados. Mas, ao prestar-lhes homenagem tornamo-la extensiva a todos os outros trabalhadores e democratas que deram as suas vidas pela libertação do povo português.

A grande maioria das vítimas da repressão fascista são comunistas e filhos da classe operária. É a classe operária que tem dado o grosso dos combatentes e dos dirigentes do Partido e do movimento popular. Mas muitos outros filhos do povo português, ganhos para os ideais do comunismo, têm entregado as suas vidas à luta revolucionária. Pereira Gomes, autor dos «Esteiros», Dias Coelho, escultor, Alberto Araújo, são, entre outros, altos exemplos de intelectuais e artistas que viveram e morreram combatendo nas fileiras do Partido.

O exemplo de tantos mártires e heróis inspira todos os militantes, fortalece a sua determinação de arrostar todas as dificuldades e perigos, de estar prontos para todas as provas, de dar a vida se necessário, para assegurar a vitória final.

Glória aos comunistas caídos na luta!

Honra eterna àqueles que deram as suas vidas pela causa do povo trabalhador!

Os seus exemplos jamais serão esquecidos e os seu nomes viverão eternamente no coração da classe operária e das massas trabalhadoras.

« 50 anos de existência do PCP são 50 anos de luta de sucessivas gerações de revolucionários que, educados pelo Partido, defrontaram corajosamente a repressão e o terror. 50 anos de existência são 50 anos de sacrifícios imensos de milhares de militantes, que souberam dar exaltantes exemplos de coerência e dedicação na actividade e na vida clandestina, ante o inimigo, ante as balas assassinas, sob a tortura, no Tarrafal, nas prisões fascistas ».

(da Resolução do CC do PCP sobre o 50º Aniversário)



MANUEL R. DA SILVA

*membro do Secretariado
do CC do PCP
operário metalúrgico
23 anos nas prisões fascistas
falecido em 22-VII-1968*



MILITÃO RIBEIRO

*membro do Secretariado
do CC do PCP
operário têxtil
morto na prisão
em seguida uma greve da fome
em 3-I-1950*



Ao comemorar o 50º aniversário,



**BENTO
GONÇALVES**

secretário geral
do PCP
operário metalúrgico
assassinado
no
Campo do Tarrafal
em 2-IX-1942

DO PROGRAMA DO PCP

«Dirigindo ao longo dos anos a classe operária e as massas trabalhadoras na defesa diária dos seus interesses vitais e na luta por reivindicações parciais imediatas, encabeçando dia a dia a luta popular contra a opressão fascista, pela democracia, pela liberdade, pela independência nacional e pela paz, o Partido Comunista Português proclama que o fim da exploração do homem pelo homem, da miséria, da opressão, da desigualdade social, só poderá ter lugar quando for abolido o capitalismo pela revolução proletária triunfante e apresenta à classe operária e a todos os trabalhadores a perspectiva luminosa do socialismo e do comunismo.»

«Nas condições existentes em Portugal, sob a ditadura fascista, a etapa actual da revolução é uma revolução democrática e nacional.»

Democrática, — porque acabará com a tirania fascista, instaurará a liberdade política, porá termo ao domínio da oligarquia financeira, defenderá os interesses populares, realizará uma série de profundas reformas que beneficiarão a maioria esmagadora da população portuguesa.

Nacional, — porque, acabando com o domínio imperialista sobre Portugal e o domínio colonialista de Portugal sobre outros povos, assegurará a soberania, a integridade territorial e a verdadeira independência do país.

A revolução democrática e nacional não põe termo à luta de classes, nem esgota o processo revolucionário. Para o Partido Comunista Português, vanguarda do proletariado e partido marxista-leninista, a luta pela revolução democrática e nacional é parte constitutiva da luta pelo socialismo.»

«Desde a sua fundação, hoje e sempre, o Partido Comunista Português existe para servir a classe operária e o povo português. Os comunistas não poupam esforços nem sacrifícios e dão a vida quando necessário para cumprir a sua missão. O Programa do Partido Comunista Português responde aos interesses e às aspirações da classe operária, de todos os trabalhadores, dos intelectuais, da juventude, de todos os homens progressivos.

Apresentando o seu Programa, o Partido Comunista Português diz: «Este Programa é vosso. O Partido Comunista Português é vosso Partido». No Partido Comunista Português têm lugar aqueles que estejam prontos a lutar pela realização dos seus elevados ideais e aceitem os seus princípios orgânicos estabelecidos nos Estatutos do Partido.»

O PCP SAÚDA a classe operária de Portugal,

que deu vida ao Partido e de que este é a vanguarda revolucionária, classe que, dando extraordinárias provas, se mantém à frente da luta contra a exploração e o fascismo; classe cuja missão histórica é liquidar o capitalismo e edificar o socialismo; classe que terá necessariamente um papel determinante em todas as transformações sociais e políticas a realizar em Portugal.

O PCP SAÚDA todas as camadas trabalhadoras, os camponeses, a juventude, os intelectuais, os soldados e marinheiros, as massas populares, que tantas corajosas lutas têm travado e cujas forças, unidas às da classe operária e lançadas no combate, libertarão Portugal da tirania fascista, da exploração e do poder dos monopólios e latifundiários, do domínio imperialista estrangeiro.

O PCP SAÚDA os membros do Partido que se encontram nas prisões fascistas, que deram e dão elevados exemplos de firmeza, dedicação, combatividade e heroísmo. Saúda Pires Jorge, Dias Lourenço, Blanqui Teixeira, José Magro, Canais Rocha, Angelo Veloso, Dinis Miranda, Domingos Abrantes, Ilídio Esteves, Rogério Carvalho, José Carlos, Manuel Pedro, Jorge Araújo, G. Costa Carvalho, Ursula Machado, Cabral de Matos, António Graça e tantos outros camaradas, cujos nomes vivem no coração dos comunistas e dos trabalhadores, cujos exemplos estão sempre presentes na actividade do Partido e que podem estar certos de que o Partido jamais os esquece, de que prossegue e prosseguirá a luta até que sejam arrancados, assim como todos os outros presos políticos, às prisões fascistas.

O PCP SAÚDA todos os democratas portugueses, apelando para o reforço da unidade de acção na luta diária contra a política fascista, contra a repressão, pelo fim da guerra colonial, na luta que conduza ao derrubamento da ditadura fascista e à conquista da liberdade política.

O PCP SAÚDA os povos de Angola, Guiné e Moçambique e os seus partidos revolucionários (MPLA, PAIGC e FRELIMO), aos quais os comunistas e os lutadores antifascistas e anticolonialistas portugueses estão unidos pela fraternidade de combate contra os mesmos inimigos.

O PCP SAÚDA a URSS e o PCUS, a cujas realizações, vitórias e experiências estão profundamente ligadas a criação e a actividade do PCP, assim como os progressos de todo o movimento revolucionário mundial. **SAÚDA os outros países socialistas e os partidos irmãos respectivos,** pelo que representam para a causa dos trabalhadores de todo o mundo e pela sua solidariedade à luta dos comunistas e do povo português. **SAÚDA o povo do Vietnam,** exemplo para todos os povos do mundo, os povos do Laos e da Cambodja, os povos árabes, o povo da República da Guiné e todos os povos vítimas da agressão imperialista e em luta contra o imperialismo. **SAÚDA os partidos comunistas irmãos,** aos quais nos ligam a identidade de objectivos, a solidariedade recíproca, a cooperação fraternal na base dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário.



J. PIRES JORGE

membro do CC do PCP
motorista
14 anos passados na prisão
actualmente no
Forte de Peniche



A. DIAS LOURENÇO

membro do CC do PCP
operário metalúrgico
13 anos passados na prisão
actualmente no
Forte de Peniche

50 ANOS de luta

(cont. da pág. 3)

foram também presos nessa época. Numerosas organizações foram destruídas, outras ficaram desligadas. Só um partido revolucionário profundamente implantado no proletariado, um partido com uma direcção provada, experimentada, de inabalável firmeza e guiando-se pelo marxismo-leninismo, poderia ter, não só resistido a tão duros golpes, como recompôr-se e retomar a iniciativa num espaço de tempo relativamente curto.

J. Gregório, S. Vilarigues, P. Jorge, O. Pato, J. Fogaça, Blanqui Teixeira, Manuel da Silva, Américo de Sousa, contam-se entre aqueles a cuja acção decidida nesses anos difíceis, se deve ter-se estancado a ofensiva fascista e recomposto a situação. Nos anos seguintes, outros quadros destacados (alguns dos quais evadidos das prisões) como Joaquim Gomes, J. Serra, Cândida Ventura, Américo Leal, Afonso Gregório, Georgette Ferreira, Sofia Ferreira, José Magro, António Gervásio, Alda Nogueira, José Carlos, Rogério de Carvalho, deram uma importante contribuição.

Apesar dos golpes que conseguiu infligir ao Partido, o fascismo não conseguiu silenciá-lo nem interromper a sua actividade política e de massas. Nas fábricas, nos campos, nas escolas, os comunistas continuaram à frente da luta. Em 1951, em torno da **candidatura do prof. Ruy L. Gomes** à presidência da República, desenvolveu-se uma ampla campanha política. O **movimento pela Paz** atinge nova extensão. Em 1952 realiza-se em Lisboa uma importante jornada de agitação contra a reunião da OTAN. Têm lugar importantes **lutas e greves** como a da fábrica dos «Ingleses» em 1954, dos camponeses alentejanos em 1952 e 1954, dos pescadores em 1955, e 1957. Em muitas destas lutas, os comunistas pagam com a liberdade e com a vida o seu destacado papel à frente dos trabalhadores: Alfredo Lima, operário agrícola, morto à bala numa manifestação em Alpiarça em 1950; Catarina Eufémia, operária agrícola, membro do CL do Partido de Baleizão, varada pela metralha em 1954. No movimento estudantil têm grande relevo as lutas em 1956 contra a tentativa do governo de extinguir as associações académicas.

Em 1957, realiza-se o **V Congresso do PCP**. O relatório político foi apresentado por J. Fogaça. Outros relatórios foram apresentados por D. Lourenço, O. Pato, J. Serra, J. Gomes, foram aprovados o **Programa** e os **Estatutos** do Partido, a Declaração do Congresso proclamando o direito dos povos das colónias portuguesas à imediata e completa independência e definindo tarefas do Partido para ajudar o movimento libertador, teve particular significado.

Aproveitando as **«eleições presidenciais de 1958**», desenvolveu-se em torno das candidaturas do gen. Delgado e do dr. A. Vicente, uma ampla campanha política, que culmina em grandiosas manifestações de rua de centenas de milhar de pessoas. Nas greves de protesto contra a burla «eleitoral», organizadas e dirigidas pelo Partido, participam dezenas de milhar de trabalhadores.

A repressão não afrouxou e atingiu numerosos quadros. No dia 3 de Janeiro de 1960, o Partido alcançou entretanto uma grande vitória contra a repressão com a **fuga de Peniche**.

No decurso de 1960, importantes acções tiveram lugar: **manifestações de rua** no 31 de Janeiro e 5 de Outubro, greve dos mineiros de Aljustrel, vitórias em eleições nos Sindicatos Nacionais.

Nestes anos, o PCP reafirmou a sua vitalidade, a sua solidez e a sua larga influência.

SEMPRE NA VANGUARDA DA LUTA POPULAR (1961-1971)

O **INÍCIO DA LUTA ARMADA DO POVO DE ANGOLA** em Fevereiro de 1961, a que se seguiu a luta armada dos povos da Guiné e Moçambique, abre uma grave crise do regime fascista e colonialista. O PCP desenvolve desde então activamente a luta contra a guerra colonial e a solidariedade para com os povos das colónias portuguesas. O apelo do PCP para que os soldados se recusem a partir para a guerra e desertem começou desde a primeira hora a ser largamente seguido.

Em 1960-61, o Partido registou um rápido progresso da organização e das tiragem da imprensa clandestina. Em Março de 1961, o CC discutiu amplamente a orientação política e a actividade do Partido e resolveu proceder à elaboração de um novo Programa. A Cunhal é eleito secretário geral do Partido.

Os anos de 1961-62 foram caracterizados por um dos mais importantes fluxos revolucionários sob a ditadura fascista. Em Outubro-Novembro de 1961, em torno das «eleições» para a Assembleia Nacional, desenvolveu-se uma ampla campanha política que culmina nas **GREVES** e grandes **MA-**



F. BLANQUI TEIXEIRA

membro da CC do PCP
engenheiro químico
8 anos passados na prisão
actualmente no
Forte de Peniche

MANIFESTAÇÕES DE RUA em Almada, Lisboa, Coimbra, Alpiarça e outras localidades. Em Almada, no confronto com as forças repressivas, tomba Cândido Martins. Em 31 de Janeiro e 8 de Março de 1962, têm lugar no Porto grandes manifestações. O movimento estudantil acusa também um rápido ascenso, com grandes plenários e greves na Universidade de Lisboa. Uma poderosa luta reivindicativa dos **OPERÁRIOS RURAIS** desenvolve-se no Alentejo. Os **MINEIROS** de Aljustrel lutam em massa e, numa concentração, são mortos a tiro pela GNR A. Adângio e outro mineiro. Togo este fluxo da luta popular dirigida pelo PCP culmina no **1º DE MAIO DE 1962** com as grandiosas greves dos operários rurais, alentejanos, que conduziram à histórica conquista da jornada de 8 horas e com as grandes manifestações de rua em numerosas localidades, designadamente as de Lisboa no 1º de Maio, em que participaram cerca de 100.000 pessoas e em que é morto E. Giro, e a de 8 de Maio, também em Lisboa.

O impetuoso desenvolvimento da luta popular e do Partido foi refreado pelos duros golpes que a **REPRESSÃO** conseguiu assentar na direcção e nas organizações. Se, a 4 de Dezembro de 1961, o Partido registou um grande êxito com a **FUGA DE CAXIAS** de um grupo de destacados militantes, em meados de Dezembro, os fascistas conseguiram assentar um duro golpe no Partido, assassinando a tiro J. Dias Coelho e prendendo P. Jorge, O. Pato, C. Costa e outros destacados militantes. D. Lourenço é preso em 1962. B. Teixeira em 1963. Muitos outros membros da direcção, e quadros clandestinos caem nas mãos dos fascistas. A perda de muitos dos quadros mais experientes afectou a actividade do Partido. A urgência de preencher as baixas, levou a promoções apressadas de quadros inexperientes e pouco provados de que resultaram nos anos seguintes numerosas prisões.

Apesar, porém de tão graves baixas, o Partido foi defendido no fundamental, prosseguiu a sua acção, venceu as dificuldades e de novo passou à ofensiva e alcançou importantes êxitos na condução das lutas operárias, e populares. Na situação de refluxo que vai de 1962 a 1967, o Partido continuou à frente da luta política e da luta reivindicativa operária, em que se destaca a greve de Pero Pinheiro de Maio de 1965. No 1º de Maio de 1963, 1964 e 1965, tiveram lugar novas importantes jornadas, com paralizações e manifestações. As deserções de soldados e jovens oficiais transformaram-se num amplo movimento de massas contra a guerra colonial.

Em 1965 realiza-se o **VI CONGRESSO DO PCP** que conclui um amplo debate político no Partido encerrando um período de intensa luta ideológica. O relatório político foi apresentado por A. Cunhal. Outros relatórios foram apresentados por J. Gomes, S. Vilarigues e F. Miguel. Foram aprovados o novo Programa do PCP e a nova redacção dos Estatutos.

Nos anos seguintes, ao mesmo tempo que se resolvem problemas de organização e defesa, o Partido reforça as organizações da base, estreita as ligações com as massas e dirige a luta popular. Em 1967, intensifica-se a **LUTA REIVINDICATIVA** dos trabalhadores (Carris, ferroviários, bancários, pescadores) assim como a luta dos estudantes. No primeiro semestre de 1968, anima-se a luta política, e a resistência contra a guerra colonial. A luta operária culmina nesse período com a luta dos portuários de Leixões e as **GREVES** dos pescadores e da Carris de Lisboa.

O agravamento da crise do regime resultante da incapacitação de Salazar dá-se num momento em que se acentua um novo fluxo da luta operária e a consolidação das forças do Partido. Depois da formação do governo de M. Caetano, o ano de 1969 caracterizou-se por um novo e impetuoso **ASCENSO DA LUTA POPULAR DE MASSAS**, em cuja organização e direcção o PCP teve um papel determinante.

A paga de lutas e **GREVES OPERÁRIAS** nos primeiros meses de 1969, a greve dos ferroviários de Outubro, as acções de massas nos **SINDICATOS NACIONAIS** e a conquista de numerosas direcções pelos trabalhadores, a ampla **CAMPANHA** política em torno das «eleições» fascistas para a Assembleia Nacional, a constituição dum **MOVIMENTO UNITÁRIO ORGANIZADO (CDE)**, as greves e as manifestações de **ESTUDANTES**, a amplificação e estruturação do movimento nacional pela **AMNISTIA**, os progressos de organização da **JUVENTUDE OPERÁRIA**, são importantes êxitos e constituem, no conjunto, um dos mais importantes fluxos da luta popular nas condições do fascismo. As manifestações de rua no **1º DE MAIO** de 1970 marcaram esta data com uma nova grande jornada de luta dos trabalhadores.

A obstinação do governo em responder com a violência e a repressão às reclamações populares e em prosseguir a criminosa guerra colonial conduz à agudização da luta. Em outubro-Novembro de 1970, a sabotagem do «CUNENE» e a destruição no porto de Lisboa de equipamentos destinados ao exercito colonialista levados a cabo pela Acção Revolucionária Armada (ARA), constituem um acontecimento novo e significativo.

Nestes anos, o PCP registou sensíveis progressos. Reforçaram-se as organizações, designadamente em centros operários. Aumentaram as tiragens da imprensa. Foram recrutados e promovidos quadros revelados na luta de massas. Assegurou-se uma melhor defesa da repressão fascista.

Entretanto, a ditadura fascista continua e as forças repressivas fazem consideráveis esforços para atingir o PCP. Os comunistas sabem por longa experiência que não se pode conduzir sem baixas o combate contra o fascismo. Sabem que a repressão é o maior obstáculo ao desenvolvimento das forças revolucionárias. Forte de uma organização sólida e experimentada, assente na unidade, na experiência e na dedicação ilimitada dos seus dirigentes, quadros responsáveis, militantes de base, gozando de um largo apoio da classe operária, dos trabalhadores, de intelectuais e estudantes, o PCP faz frente às dificuldades e aos perigos e prossegue infatigavelmente a luta.

50 anos passados indicam que o futuro lhe pertence.



SAUDAÇÕES DOS PARTIDOS IRMÃOS

Do Partido Comunista Francês

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário do Partido Comunista Português, enviamos-vos fraternais e calorosas saudações.

Os longo de meio século de lutas difíceis, a maior parte das quais se desenvolveram nas condições de clandestinidade, o vosso Partido tornou-se uma força nacional e popular, para a qual se volta um número sempre crescente de trabalhadores e de democratas portugueses.

São muitos e calorosos os militantes do vosso Partido que tomaram no combate antifascista, que sofreram e sofrem ainda as torturas e a prisão. Reafirmamos a nossa solidariedade para com vosso Partido e para com os combatentes atingidos pela repressão.

Saudamos a acção incansável levada a cabo pelo Partido Comunista Português contra a ditadura, pelas liberdades democráticas, pela união da classe operária e das massas laboriosas de Portugal, pelo apoio à luta anti-imperialista dos povos das colónias portuguesas pela sua libertação e independência.

Prosseguimos a nossa acção na base do internacionalismo proletário, para reforçar os laços fraternais entre os nossos dois partidos, para desenvolver a solidariedade de combate dos trabalhadores e dos democratas dos nossos dois países, solidariedade que se afirma também na acção de numerosos trabalhadores emigrados com os outros assalariados explorados em França.

Desejamos-vos, queridos camaradas, novos sucessos no vosso corajoso combate pela vitória das forças democráticas sobre a ditadura, pela libertação dos presos políticos, por um futuro de liberdade e de paz em Portugal.

O Secretariado do Comité Central
do Partido Comunista Francês

Do Partido Comunista do Chile

Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista do Chile envia calorosas saudações ao heroico, combativo e consequente Partido irmão de Portugal, por ocasião do seu cinquentenário.

No movimento comunista internacional, o Partido Comunista Português é um exemplo de ilimitada abnegação e firmeza de princípios. Durante dezenas de anos, este Partido tem sido obrigado a lutar a cabo a sua luta sob o jugo da tirania fascista, em condições muito difíceis, conduzindo-a ininterruptamente, apoiando-se na experiente organização leninista e na ligação inquebrantável com a classe operária e o povo.

Um grande mérito do Partido é o ter forjado lutadores revolucionários capazes de arrostar as constantes provas da luta política, com os seus sacrifícios, perigos, imprevistos e pesados golpes do inimigo de classe. Estes lutadores sempre souberam vencer todas essas adversidades.

Nós vemos no PCP uma expressão do verdadeiro patriotismo lusitano e um modelo do internacionalismo proletário. Compartilhamos plenamente o cuidado do PCP pela unidade do movimento comunista internacional, do seu amor para com o Partido de Lénine, da sua constante luta ideológica em defesa do marxismo-leninismo.

Apreciamos também a clareza e precisão com que ele exprime a sua solidariedade aos povos que lutam pela libertação do jugo colonial português.

Desejamos ao PCP neste aniversário novos êxitos na luta pela unidade das forças democráticas e pela instauração das liberdades que abrirão à classe operária o caminho para o socialismo.

Calorosas saudações

Em nome do Comité Central do Partido Comunista do Chile
Luis Corvalan, secretário geral

Do Partido Comunista Iraquiano

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário do Partido Comunista Português, o Comité Central do Partido Comunista Iraquiano, em nome de todos os comunistas iraquianos, envia-vos a vós e a todos os membros do Partido as mais calorosas saudações. 1971 representa um acontecimento histórico de grande significado para o vosso partido e para a classe operária de Portugal. Juntando-nos a vós nestas comemorações, saudamos a vossa luta heroica contra o regime mediterrânico fascista em Portugal. Expressamos a nossa firme solidariedade com a vossa luta dedicada para conquistar os objectivos fundamentais da revolução democrática e nacional, para derrubar o regime fascista, para instaurar a democracia, para realizar a reforma agrária etc.

O vosso Partido deseja-vos êxitos na vossa actividade para unir as forças democráticas e antifascistas, na base da aliança da classe operária e do campesinato, através das lutas de massas, condição necessária para levar a bom termo os objectivos da vossa linha na insurreição popular armada.

Durante os últimos 50 anos, milhares de comunistas entregaram a sua vida à causa da democracia e do socialismo para o vosso povo. Esses camaradas, encabeçados por Bento Gonçalves que foi secretário geral do vosso Partido, permanecerão como nomes e exemplos brilhantes do movimento nacional e comunista.

Aproveitamos esta oportunidade para saudar as vossas posições internacionalistas de princípio, ao solidarizarem-se com as lutas dos povos das colónias portuguesas pela sua independência nacional. Expressamos a nossa mais calorosa gratidão pela vossa solidariedade para com a luta do vosso povo e do vosso Partido, e para com a luta do povo árabe contra o imperialismo e o sionismo.

Apreciamos altamente as posições que tendes assumido no movimento comunista internacional e cooperaremos connosco, como no passado, na nossa luta comum contra o imperialismo e pelo reforço da unidade do movimento comunista internacional, na base do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, pela paz, a independência nacional, a democracia e o socialismo.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a amizade entre os nossos partidos e povos!

Viva o comunismo!

O Comité Central
do Partido Comunista Iraquiano

Do Partido Comunista Sul-Africano

Queridos camaradas:

Enviamos-vos as nossas calorosas e fraternais saudações por do ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português.

Embora os nossos dois países estejam muito distantes, os nossos partidos irmãos são próximos camaradas de armas, aliados na luta comum contra a «Impia Alcaça» do colonialismo fascista português e do imperialismo racista da África do Sul.

Conhecemos a vossa luta abnegada e incansável, em condições de ilegalidade e terrorismo, pela libertação do povo português e dos povos de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau.

Asseguramos-vos a inquebrantável solidariedade entre os revolucionários do nosso país e a classe operária portuguesa, encabeçada pelo seu Partido Comunista.

A vitória da luta das colónias africanas pela independência é uma vitória também para as massas portuguesas na sua luta pela democracia, a paz e o socialismo.

Viva o Partido Comunista Português!
Com fraternais saudações comunistas

O Comité Central
do Partido Comunista Sul-Africano

Do Partido Comunista Guadalupeano

Queridos camaradas:

Enviamos-vos, por ocasião do 50º aniversário da fundação do vosso Partido, as mais calorosas saudações dos comunistas e de todos os trabalhadores guadalupeanos.

O vosso Partido saúda o heroísmo dos militantes do vosso Partido que, na mais dura clandestinidade, prosseguem incessantemente a luta pela transformação democrática da sociedade portuguesa. Inclina-se ante a memória dos numerosos comunistas caídos sob os golpes da repressão fascista, durante este nobre combate.

A ditadura, que oprime o povo português, conduz igualmente uma criminosa guerra contra os patriotas dos países chamados «colónias portuguesas».

O lugar que, no vosso combate, dá a solidariedade para com esses povos, para com os patriotas de Angola, de Moçambique e da Guiné e de todas as vítimas do imperialismo é um factor essencial do prestígio do vosso Partido aos olhos das massas guadalupeanas submetidas às injustiças do colonialismo francês.

Ao Partido Comunista Português que trabalha pela coesão do movimento comunista internacional, o vosso Partido deseja plenos sucessos na realização das suas tarefas nacionais.

Pelo Comité Central
do Partido Comunista Guadalupeano
G. Dantinhe
Primeiro Secretário do Comité Central

DO PAIGC

Camaradas:

No próximo mês de Março de 1971, o vosso glorioso Partido completa 50 anos de vida. Em nome dos combatentes e da direcção nacional do vosso Partido — que são os legítimos representantes do vosso povo — tenho o prazer de vos endereçar, nesta ocasião, as nossas felicitações fraternais e combativas assim como os melhores votos de sucesso na vossa luta heroica que os vossos militantes traçam, há meio século, pelo progresso e a justiça social para o povo trabalhador de Portugal, ao lado dos outros democratas portugueses.

Os patriotas nacionalistas da Guiné e Cabo-Verde, em particular os militantes do vosso Partido, nunca esconderam nem escondem a admiração que nutrem pelos militantes do vosso Partido, que têm sabido dar o melhor do seu esforço, sacrifícios enormes e mesmo a vida pelos ideais que os animam na intenção de servir o povo de Portugal, a melhoria radical das suas difíceis condições de vida e de conquistar, para os trabalhadores portugueses a posição a que têm direito no quadro da vida política, económica, social e cultural do vosso país. Nós, os patriotas nacionalistas da Guiné e Cabo-Verde, não esquecemos nunca que o vosso Partido, desde o seu congresso de 1957, proclamou sem rodeios o direito dos povos coloniais à independência e tem sabido dar à vossa luta todo apoio moral e político possível.

Contrariamente ao que diz a mentirosa propaganda colonial-fascista do Governo português, nós não estamos a lutar para instalar o comunismo na vossa terra nem para nos submetermos a qualquer dominação estrangeira. Só os convencidos é que se deixam convencer por essa mentira. Nós estamos a lutar — e isso sabe-o cada dia melhor o povo de Portugal — pela libertação do vosso povo do jugo colonial, pela independência da vossa pátria africana, para que o vosso povo seja senhor do seu próprio destino. Nesta luta difícil, já longa, mas plena de sucessos, nós consideramos o vosso trabalhador de Portugal como aliado, e fazemos tudo para preservar, apesar dos crimes abomináveis dos colonialistas, as possibilidades de desenvolver a amizade e a cooperação com Portugal, depois da conquista total da vossa independência. Consideramos ainda que a vossa luta é uma contribuição eficaz para a luta do próprio povo de Portugal pela liberdade, pelo progresso e pela paz. A guerra colonial portuguesa, fruto da cegueira política e do carácter criminoso do Governo de Portugal, é, pelo contrário, um factor, não só de reforço da repressão dos trabalhadores e de todos os democratas portugueses, mas também de afundamento cada dia maior da economia e das possibilidades de sobrevivência de Portugal.

Ao saudar os militantes e dirigentes do vosso Partido nesta ocasião importante da história tão rica de heróis como de mártires, do vosso Partido, saudamos todas as organizações ou pessoas portuguesas que, quaisquer que sejam as suas opiniões políticas ou filosóficas, são abertas e corajosamente contra a dominação estrangeira, contra o colonialismo e a guerra colonial, pelo direito sagrado que tem cada povo a uma vida livre e soberana e ao progresso, na justiça.

Juntamente com os nossos votos pelo progresso do povo trabalhador de Portugal e de sucessos para o vosso Partido e todas as outras forças democráticas e anticolonialistas do vosso país, vão as nossas esperanças de que os verdadeiros democratas portugueses saberão cada dia mais agir cada vez melhor para combater, pelos meios mais adequados, a criminoso guerra colonial.

Saudações combativas
Pelo Bureau Político do P.A.I.G.C.
Amílcar Cabral Secretário Geral



SAUDAÇÕES dos partidos irmãos



Começamos a publicar neste número do «Avante» saudações dos partidos irmãos por motivo do 50º aniversário do nosso Partido. Nos números seguintes continuaremos a publicá-las à medida que nos forem chegando.

Do Partido Comunista da União Soviética

Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética envia ao Comité Central do Partido Comunista Português e a todos os comunistas portugueses calorosas e fraternais saudações e felicitações por motivo do 50º aniversário da fundação do vosso partido.

Em meio século da sua existência o PCP percorreu um complexo e difícil caminho de luta contra a reacção e o fascismo, pelos interesses vitais da classe operária e de todo o povo trabalhador de Portugal. Nesta luta foram educados combatentes inteiramente devotados aos ideais do comunismo, muitos dos quais tombaram, ou sofrem nas celas das prisões.

Os comunistas portugueses festejam os 50 anos do seu Partido nas condições de clandestinidade e de ferozes persigações. Lutam corajosamente pelas reivindicações sociais e políticas fundamentais das amplas camadas dos trabalhadores, pelas liberdades e direitos democráticos. Estão nas primeiras fileiras dos antifascistas que lutam pela completa independência nacional da sua pátria, pelo fim da guerra injusta em África e pelo reconhecimento do direito ao desenvolvimento independente dos povos das colónias portuguesas, designadamente de Angola, Guiné (Bissau) e Moçambique.

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, o Partido Comunista Português condiz uma luta activa contra o oportunismo de direita e de «esquerda», age constantemente pelo fortalecimento da solidariedade proletária, pela coesão do movimento comunista e operário internacional e pelo cumprimento do programa de luta contra o imperialismo, aprovado na Conferência dos Partidos Comunistas e Operários em 1969.

Os comunistas da União Soviética têm em alto apreço as relações de amizade e cooperação fraternais existentes entre o PCUS e o PCP, a sua unidade de pontos de vista em relação aos problemas fundamentais da época actual.

Do coração desejamos ao fraterno PCP novos e grandes sucessos na realização da unidade de acção da classe operária e de todos os trabalhadores de Portugal, na luta pelos seus interesses vitais e pelos direitos democráticos, pela instauração no seu país dum regime verdadeiramente democrático, pela vitória da causa da liberdade, da paz e do socialismo.

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética expressa os seus sentimentos de solidariedade fraternal aos comunistas portugueses que se encontram nas prisões e envia-lhes as suas calorosas saudações.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a Unidade do Movimento Comunista Internacional na base dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário.

O Comité Central
do Partido Comunista da União Soviética

Do Partido Operário Socialista Húngaro

Queridos camaradas:

Em nome do Comité Central do Partido Operário Socialista Húngaro e de todos os comunistas húngaros, enviamos a nossa saudação por ocasião do 50º aniversário da fundação do vosso Partido.

O povo húngaro acompanha com simpatia e solidariedade a luta do povo português de resistência no Partido Comunista Português contra a ditadura fascista, pelo fim da guerra colonial, pela liberdade do povo trabalhador, pela democracia, pelo socialismo e pela paz.

Nós, comunistas húngaros, damos grande valor aos esforços internacionalistas feitos pelo PCP para a consolidação da unidade do movimento operário e do movimento comunista internacional, para a defesa dos princípios do marxismo-leninismo.

Na ocasião da passagem de meio século desde a fundação do Partido Fraternal português, desejamos de todo o nosso coração que o vosso partido alcance novos sucessos na consolidação das forças anti-imperialistas e anti-imperialistas, na sua nobre luta pela liberdade do povo português, pela independência dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, pela liberdade, pelo desenvolvimento social e pela paz da humanidade.

Com fraternais saudações

O Comité Central
do Partido Operário Socialista Húngaro

Do Partido Operário Unificado Polaco

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário do Partido Comunista Português — vanguarda revolucionária da classe operária portuguesa — enviamos a todos os seus membros e simpatizantes as nossas fraternais saudações e felicitações, assim como a manifestação da nossa solidariedade fraternal.

Nas mais difíceis condições de perseguição e de terror, os comunistas portugueses traçam lutas heroicas contra o fascismo, contra o regime dos monopólios, pelos interesses vitais das massas laboriosas, pela libertação dos povos oprimidos pelo colonialismo português, pelo desenvolvimento democrático e progressista do país.

Apreciamos altamente a contribuição do vosso Partido ao reforço da unidade do movimento comunista internacional na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e à nossa luta comum contra o imperialismo.

Desejamo-vos, queridos camaradas, o alargamento incessante da influência do vosso Partido na classe operária e nas largas massas do povo trabalhador, assim como grandes sucessos na luta pela paz, pelo progresso e pelo socialismo.

O Comité Central
do Partido Operário Unificado Polaco

Do Partido Comunista Búlgaro

Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista Búlgaro e os comunistas búlgaros enviam-vos e a todos os comunistas portugueses as suas mais cordiais saudações fraternais, por ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português.

Os comunistas e os trabalhadores do nosso país são solidários com a vossa luta pela edificação da unidade das forças progressistas em Portugal, por transformações democráticas no vosso país e pela liquidação do colonialismo português em Angola, Guiné e Moçambique. Estamos certos de que, apesar das severas represálias a que o PCP está sujeito, a sua luta será coroada de sucessos.

Apreciamos a contribuição do PCP à consolidação da unidade do movimento comunista e operário internacional e a sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Temos a satisfação de verificar as relações fraternais e a cooperação existentes entre os nossos partidos na luta comum pela paz, a democracia e o socialismo.

Queiramos aceitar, queridos camaradas, a expressão da nossa solidariedade com a vossa justa luta pela liberdade e a independência da vossa pátria.

Viva o Partido Comunista Português!

Que se consolide e desenvolva o movimento comunista e operário internacional!

Viva o marxismo-leninismo!

O Comité Central
do Partido Comunista Búlgaro

Do Partido Socialista Unificado da Alemanha

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português, o Comité Central do Partido Unificado da Alemanha envia a todos os comunistas portugueses saudações de combate solidárias e fraternais.

A tradição comum da luta decidida contra o fascismo e a guerra imperialista une o PSUA e o PCP.

No decurso das dezenas de anos da sua actividade ilegal nas condições de terror sangrento e da mais dura repressão, o PCP tornou-se a vanguarda indiscutível das forças progressistas do povo português na luta contra a ditadura fascista apoiada pelo imperialismo norte-americano e pelo imperialismo ocidental.

O PSUA e o PCP lutam conjuntamente ao lado do Partido Comunista da União Soviética e dos outros partidos irmãos para a realização das decisões aprovadas pela Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários realizada em Moscovo em 1969, na base do marxismo-leninismo e dos princípios do internacionalismo proletário, no interesse do fortalecimento da unidade e da coesão do movimento comunista mundial na luta contra o imperialismo, pela paz, a democracia e o socialismo.

Do coração desejamos ao PCP completo sucesso na sua luta abnegada pelo derrubamento da ditadura fascista e pela instauração dum regime democrático.

Com saudações socialistas
Pelo Comité Central
do Partido Socialista Unificado da Alemanha

W. Ulbricht
(primeiro secretário)

Do Partido do Trabalho da Coreia

Queridos camaradas:

Por ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português, o Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia envia calorosas felicitações ao Comité Central do vosso Partido, a todos os membros do Partido e à classe operária de Portugal.

Desde os primeiros dias da sua fundação, o PCP organizou e dirigiu, nas difíceis condições do terror e da repressão fascistas, mantendo-se à cabeça da classe operária e das massas trabalhadoras de Portugal, a dura luta para derrubar a ditadura fascista e para assegurar o desenvolvimento democrático do país.

Hoje ainda, o PCP conduz, em difíceis condições de ilegalidade, a luta contra os imperialistas, que tem por chefe de fila o imperialismo americano, pelo derrubamento da ditadura fascista de Caetano, para instaurar um regime democrático e para conquistar a autêntica independência nacional do país.

O nosso Partido e o nosso povo exprimem sempre a sua firme solidariedade com a vossa justa luta.

Certos de que as relações de amizade entre os nossos dois partidos se reforçarão e desenvolverão mais ainda no futuro, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, o CC do PTC deseja-vos sinceramente novos êxitos na vossa luta contra o imperialismo americano e a ditadura fascista de Caetano, pela vitória da causa do socialismo.

Com fraternais saudações
O Comité Central
do Partido do Trabalho da Coreia

«A coesão dos partidos comunistas e operários é o factor mais importante da união de todas as forças anti-imperialistas»
(Conferência internacional dos partidos comunistas e operários, Moscovo, 1969)